

Aumentar a Selic pode ajudar o país a sair da crise? Não

30/05/2015

O governo, com o apoio do Congresso Nacional, está perdendo uma grande oportunidade de colocar a situação financeira do país em ordem ao preferir adotar a política dos cortes nos programas de cunho social e promover o aumento da carga tributária que já é enorme.

Os mais otimistas acham que com essa política o país voltará a crescer em 2017 de tal forma a pavimentar o caminho para a vitória do candidato da presidente Dilma Rousseff nas eleições de 2018.

Isso não é verdade e, infelizmente, essa política nos levará inevitavelmente a uma recessão cujos efeitos se prolongarão por muitos anos. Prefiro, por isso, chamar as medidas do ministro da Fazenda, Joaquim Levy, de suicídio fiscal.

É uma tragédia o fato de que este governo não tenha optado pelo caminho natural que seria a redução da taxa de juros.

Trata-se de uma simples questão de aritmética: o ministro pretende reduzir gastos e programas sociais previstos no seu Orçamento em um montante de cerca de R\$ 70 bilhões, mas sabe que neste ano, com a taxa básica de juros (Selic) de 14,5% que está vigorando, o próprio governo terá que desembolsar cerca de R\$ 220 bilhões apenas para pagar juros aos bancos e aos rentistas.

Isso porque o governo possui uma parte de sua dívida em títulos do Tesouro e acredita que para conseguir rolá-la precisa oferecer uma taxa de juros muito alta.

Essa premissa está errada, pois se o governo baixasse a Selic para, por exemplo, 9% ao ano, também conseguiria continuar atraindo rentistas

porque ofereceria uma taxa acima da inflação, que hoje é de cerca de 8% ao ano.

Uma taxa levemente superior à taxa de inflação é a política monetária praticada nos países que possuem uma boa administração da sua situação fiscal. Com uma taxa de 9%, o governo veria suas despesas de juros caírem dos R\$ 220 bilhões para R\$ 140 bilhões.

Isso é um pouco mais do que busca o ministro Levy que, dessa forma, não precisaria promover os cortes que vão criar muitos sacrifícios para a população com queda no consumo e aumento no desemprego. Quem perderia? Os bancos e os rentistas que são os grandes credores dos títulos do Tesouro e que com taxas mais baixas veriam suas respectivas rentabilidades diminuírem.

Usar a taxa de juros alta para combater a inflação foi uma política monetária difundida nos anos 90 que começou a ser posta em desuso após a crise de 2008.

A imprensa tem noticiado que o Brasil se encontra junto com Quirguistão, Mongólia e Moldávia como os países que ainda acreditam na necessidade de se conviver com taxas de juros altos.

A maioria dos países desenvolvidos e emergentes já sabe que quando se aumenta as taxas de juros se reduz o ritmo de crescimento da economia, o que aumenta a ociosidade das fábricas e das empresas em geral e conseqüentemente provoca o aumento dos custos das mesmas pela redução das respectivas produtividades.

Se o governo brasileiro reduzisse as taxas de juros tornando seus títulos menos atraentes conseguiria fazer com que uma parte expressiva dos empresários aplicasse seus capitais em seus próprios negócios, o que por si só faria a economia crescer e gerar mais emprego.

Em resumo o que o atual ajuste vai conseguir é piorar a situação pois talvez até possa acontecer uma melhora no superávit primário mas será inócua diante da piora na despesa de juros. Isso tudo com enormes sacrifícios para a sociedade decorrente do inevitável aumento do desemprego e do agravamento da situação social.

PAULO FELDMANN, 66, é professor da Faculdade de Economia e Administração da USP